

# O último encontro com Clarice



## *Marcio Marconato de Carvalho*

*Mestre em Letras (Filologia e Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo. Bacharel em Letras pela Universidade de São Paulo. Bacharel em Comunicação Social pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero. Professor Associado da Pós-Graduação em Estudos Literários das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila.*

"A entrevista avança. Seus olhos azuis-oceânicos revelam solidão e tristeza. Quero mergulhar, por vezes consigo... Clarice está nua, não, perdão, Clarice agora está encapotada, ela se deixa agarrar mas logo escapa, e volta, e me pega, e me sugere o longe e o não-dizível, depois se cala... E quando nada mais espero, ela volta a falar.. Faço uma antientrevista, pausas, silêncios, Clarice agora está fugindo para uma galáxia inabitada e inatingível, mas volta em seguida e, tolerante, suporta toda a minha limitação".

**Júlio Lerner, revista Shalom, em referência à entrevista concedida a ele por Clarice Lispector**

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Seguindo o aparato teórico da análise da conversação, analisaremos parte de entrevista concedida pela escritora Clarice Lispector ao jornalista Júlio Lerner, em termos de suas condições de produção, a relação entre os falantes e o desenvolvimento do tópico discursivo.

Todo evento de fala acontece em um contexto situacional específico, aqui entendido como o ambiente extralingüístico: a situação imediata, o momento e as circunstâncias em que tal evento acontece, envolvendo, inclusive, os próprios participantes com suas características individuais e possíveis laços que os unam (RODRIGUES, 1993, p.18). Portanto, as condições de produção possibilitam a efetivação de um evento comunicativo e são distintas em cada situação.

No evento em análise, temos uma entrevista dada pela escritora ao editor-chefe de "Panorama" programa da TV Cultura de São Paulo, em janeiro de 1977. Ao contrário da maioria das produções do gênero, tal entrevista acontece de maneira inesperada. Naquele dia, Clarice Lispector compareceu aos estúdios da TV Cultura para participar de um programa de debates sobre cinema e, após o programa, foi convidada pelo diretor da emissora, Walter George Durst, para que também gravasse um depoimento pessoal. Surpreendendo a todos, ela aceitou.

Avessa a aparições públicas, o fato de a escritora comparecer à emissora já causava espanto e a própria concessão da entrevista representava algo inimaginável. Pelo telefone, Walter George Durst localizou Júlio Lerner na redação de "Panorama" e o convidou a realizar a entrevista.

Dessa maneira, toda a logística em torno da organização do evento aconteceu às pressas. As palavras de Lerner sintetizam as condições de produção do texto que ora analisaremos:

De minha sala na redação de "Panorama" até o saguão dos estúdios tenho de percorrer cerca de 150 metros. Estou tão aturdido com a possibilidade de entrevistá-la que mal consigo me organizar naquela curta caminhada... (...) Em apenas cinco minutos

consegui um estúdio e uma equipe fora dos horários normais para entrevistá-la. São quatro e quinze da tarde e disponho apenas de meia hora... Às cinco entra ao vivo o programa infantil e quinze minutos antes terei de desocupar o estúdio B... Estou correndo e mesmo antes de vê-la a pressão do tempo começa a me massacrar. Não terei condições de preparar nada antes, nem mesmo conversar um pouco. Não poderei sequer tentar criar um clima adequado para a entrevista... Eu odeio a TV brasileira!... Só meia hora para ouvir Clarice... (LERNER, 1992).

Em razão das condições expostas, quando analisamos a gravação e nos deparamos com o ambiente extralingüístico em que acontece a interação, constatamos que a própria pressão do tempo imprime um clima, por vezes, tenso entre os participantes. Além disso, observamos uma postura formal, solene na relação entre os interlocutores que acreditamos ser produto da pouca intimidade de ambos e, uma vez mais, da falta de tempo de se criar um cenário mais propício à conversação. A atitude solene também deriva do fato de a entrevistada ser um dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea e, ainda, sua reconhecida aversão à participação em entrevistas, confere a este evento específico um caráter único, uma aura de "momento histórico":

Olho o relógio, não consigo me organizar, estou correndo, olho novamente o relógio, estou desconcentrado, atinjo o saguão dos estúdios e já vejo ali, dez metros adiante, Clarice de pé ao lado de uma amiga, perdida no meio do vaivém de cenários desmontados, de diversos equipamentos e de técnicos que falam alto, no meio de um grande alvoroço... (...) Clarice, solitária no centro do estúdio... Não conversamos antes e disponho de apenas 23 minutos... Estou completamente desconcentrado, fico um longo minuto em silêncio fitando Clarice, estou oco, vazio, não sei o que dizer... Clarice me olha, curiosa mas vigilante, defendida (...) Não sabes, Clarice... Te conheci agora porém te conheço há muito tempo... Te amo, te respeito e no entanto agora começo a te invadir. A fôrnalha arde, meu coração dispara, minha boca está seca e debaixo destes tirânicos mil sóis sou o maior dos tiranos. Começa a entrevista. (idem).

Ainda devido ao caráter improvisado do evento, o jornalista dispunha apenas de uma única câmera. Assim, o equipamento é ajustado diretamente em Clarice, de modo que a gravação não capta imagens precisas de Lerner, mas apenas lhe ouvimos a voz.

Finalmente, para pontuar o contexto situacional, após o término da entrevista, Clarice pediu que fosse transmitida somente após sua morte. Transcorridos seis meses deste registro, em junho do mesmo ano, Clarice Lispector começou a apresentar os primeiros sintomas de uma grave doença e faleceu em dezembro de 1977, um dia antes de completar 57 anos.

A entrevista foi ao ar, então, após sua morte e, no final daquele dezembro, a Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) atribuiu a essa matéria o prêmio de

“melhor entrevista do ano”.

## A IDENTIFICAÇÃO DO TEXTO

Como esta análise não tem a pretensão de ser exaustiva, o corpus corresponde aos primeiros cinco minutos de entrevista da escritora Clarice Lispector, 56 anos, ao jornalista Júlio Lerner, de faixa etária em torno dos 50-60 anos (a precisão de sua idade é difícil, uma vez que dispomos apenas de imagens furtivas do jornalista na gravação). Para efeito de estudo, e seguindo a terminologia da análise da conversação, nomearemos o entrevistador-jornalista responsável pela condução da entrevista como L1 e a entrevistada-escritora como L2.

Portanto, a interação entre L1 e L2 acontece dentro das condições de um gênero denominado entrevista. Segundo Fávero (2000), o objetivo de uma entrevista é o inter-relacionamento humano, sendo os tópicos introduzidos conforme a conversação acontece. Esse modelo obedece a uma dinâmica que pressupõe papéis bem definidos para os participantes, quer dizer, de um lado temos um interlocutor responsável pela formulação de perguntas (no caso, L1) e, de outro, um interlocutor encarregado de respondê-las (L2).

É natural que o texto se organize a partir do par adjacente pergunta-resposta. O par adjacente é elemento básico da interação e concorre para localizar globalmente a conversação, controlando o encadeamento de ações, inclusive podendo constituir-se em elemento introdutor do tópico discursivo. Par adjacente e tópico discursivo estão intimamente relacionados, na medida em que a conversação se organiza por meio de tópicos e estepodem-se estabelecer através de pares adjacentes (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 1999, p. 49-50).

O gênero entrevista não representa um texto falado prototípico uma vez que o interlocutor responsável por conduzir a interação previamente formula questões que serão respondidas pelo entrevistado no momento da conversação. Nesse sentido, o mecanismo de entrevista apresenta um grau de planejamento anterior que o aproxima das produções escritas. Algumas vezes, o próprio entrevistado tem acesso prévio ao conteúdo das perguntas possibilitando também a ele planejar seu texto antes de o evento acontecer.

Vale lembrar, ainda, que, embora não seja este o caso em análise, existem entrevistas que prescindem de interação face a face, em que por quaisquer motivos, na impossibilidade do encontro entre os participantes, as perguntas são encaminhadas e respondidas por escrito (caso bastante freqüente em veículos de mídia impressa).

Em vista do exposto e considerando-se o continuum tipológico definido por Marcuschi (1997), podemos aproximar as entrevistas produzidas a partir da interação face a face, do ponto de vista de sua realização fônica, ao gênero textual falado. Entretanto, identificamos também nessa produção textual uma inclinação ao texto escrito uma vez que caminha para um nível de planejamento maior que o texto falado típico.

Pensando no esquema tipológico de Marcuschi

(idem), podemos estabelecer as entrevistas produzidas a partir da interação face a face, no continuum da fala, mas em um grau intermediário entre o texto essencialmente falado e o texto escrito típico.

Percebemos que, a partir das condições de produção do texto em análise, L1 praticamente não dispôs de tempo para planejar as perguntas que formularia a L2. Certamente, seu texto deve ter sido elaborado concomitantemente à organização do evento, ou seja, na medida em que L1 reservava o estúdio para gravação, acionava um profissional para filmagem; ele também selecionava mentalmente o que abordaria durante a entrevista. Por conseguinte, a maior parte de seu texto tenderá ao planejamento local.

De qualquer maneira, percebemos um excessivo cuidado na elaboração textual tanto de L1 como de L2 derivado do fato de ambos participarem de um registro em vídeo de valor documental. Essa preocupação na construção dos enunciados se evidencia pela predominância de pausas intraturnos e entre os turnos dos participantes. Em consequência do alto nível cultural dos interlocutores (L1 é jornalista e L2 escritora) seus enunciados se aproximam da sintaxe do texto escrito.

Se por um lado, a condição específica de produção confere ao texto em foco um baixo grau de planejamento afastando-o consequentemente do texto escrito e aproximando-o da conversação espontânea, por outro, existe a preocupação com a elaboração textual e uma organização discursiva que resvalam na produção escrita. Retomando, assim, o esquema de Marcuschi (op.cit.), poderíamos descer mais um grau da escala tipológica em direção ao continuum da fala quando analisamos o contexto situacional específico do corpus em estudo.

Nesse caso em questão, apesar de não podermos identificar o texto como uma produção falada prototípica, encontramos marcas contundentes que sinalizam, num nível maior, para o continuum da fala, não só pelo caráter fônico, mas por ter sido fortemente concebido como texto falado não-planejado, embora ocorra uma preocupação com o planejamento local em vista das próprias condições citadas.

## A CONSTITUIÇÃO DOS TÓPICOS DISCURSIVOS

Conforme enfatizado, o texto se organiza a partir da dinâmica pergunta-resposta própria do gênero entrevista. L1 assume o papel de conduzir a conversação e praticamente é de sua responsabilidade a introdução do tópico discursivo, ou seja, do assunto que será falado. Entretanto, é a partir do jogo estabelecido entre L1 e L2 que os tópicos se montam e se criam, pois a constituição deles depende de um processo colaborativo que envolve os participantes do ato interacional (FÁVERO, 1993).

No caso em análise, a conversa se inicia dentro de um supertópico que podemos identificá-lo como “família”. Pelo princípio da organicidade, percebemos que esse tópico maior se estrutura em alguns tópicos menores. Assim, o assunto “família” compreende tópicos menores

como o origem do nome de L2, a ocupação de seu pai, se existem mais autores na família de L2 e, como subtópico deste, se L2 teve contato com o que sua mãe escreveu.

Quando L2 discorre sobre a origem de seu nome, lembra-se de um incidente envolvendo um crítico literário de nome Sérgio Milliet e L1 vale-se desse conteúdo digressivo para questionar L2 se havia conhecido o crítico, no que L2 conclui que nunca teve contato com ninguém que escreveu sobre sua obra. Adotando as classificações de Dascal; Katriel (1982), concluímos que acontece, nesse momento, uma digressão baseada no enunciado, pois existe uma espécie de relação de conteúdo pragmático entre o enunciado principal vigente e o digressivo. De qualquer forma, essa digressão exemplifica como o tópico se constitui a partir de um processo cooperativo entre os interlocutores.

Posteriormente, L1 inicia um novo tópico que enfoca o início da produção literária de L2. Na realidade, esse tópico compreende um supertópico relacionado à carreira da escritora. Este supertópico “carreira” subdivide-se em início da produção literária de L2 e sua consolidação como escritora. No tópico relacionado ao seu início de carreira, temos dois segmentos menores: a produção da criança L2 e a produção da adolescente L2, sendo que este segundo segmento ainda comporta algumas subdivisões como o processo de criação literária de L2 na adolescência, o que L2 produzia nessa época e onde publicava seus trabalhos.

O próximo assunto introduzido por L1 centra-se no processo de criação de L2, sua periodicidade/frequência e origina-se diretamente do supertópico anterior – “carreira”. Nesse momento, L2 coloca que está escrevendo um livro para crianças e L1, a partir dessa informação, abre um novo tópico focado na produção literária de L2, mas ainda dentro do supertópico “criação”. Nesse novo segmento, L1 pergunta como L2 trabalha esse universo infantil e quais as diferenças entre os dois universos: infantil e adulto.

Ainda como fruto do tópico criação literária, L1 questiona o que representa a criação literária para L2, a significação para si mesma, para o público e como produto de transformação social; também retoma seus períodos de criação, revisitando o tópico periodicidade/frequência. O supertópico criação ainda será reconduzido no final, quando L1 aborda a mais recente produção de L2.

Mais ao final do corpus, observamos a contração do tópico nas relações de L2 com a atividade profissional de escritora. Como parte desse supertópico, temos o desenvolvimento dos tópicos referentes ao papel do escritor brasileiro e a relação de L2 com outros profissionais derivando deste último o subtópico correspondente aos escritores contemporâneos mais significativos. Tratam-se de temas apartados do tópico “criação” e, portanto, representam um novo tópico na conversação.

A tarefa de delimitação de tópicos é árdua uma vez que, no processo conversacional, eles se entrecruzam, se interrompem e se retomam. Esse traçado tópico aqui exposto representa uma tentativa de sistematização da conversa entre L1 e L2. Alguns tópicos são bem próximos

e se entremeiam como o processo de criação de L2 que é introduzido no supertópico “carreira” e aprofundado quando a interlocutora retoma o assunto no supertópico “criação”. Outros já se encontram mais isolados e, por isso mesmo, apresentam maior facilidade de delimitação como os tópicos “família” e as relações de L2 com outros escritores contemporâneos.

Essa dificuldade demonstra que a produção do texto falado é sujeita a muitas variáveis que envolvem desde o contexto situacional até características pessoais na maneira de se expressar dos interlocutores. A própria pressão do tempo enfatizada por L1, quando da exposição das condições de produção do texto, colabora para a dificuldade na organização tópica do discurso. Em um curto espaço de tempo, L1 não dispunha de condições para estruturar seu texto, por isso é natural que os tópicos desenvolvidos pelos interlocutores sejam iniciados e retomados posteriormente, como também é normal que assuntos intrinsecamente relacionados como a carreira de L2 e sua produção literária se cruzem e se embaralhem dentro do próprio discurso.

Na seqüência, reproduzimos graficamente a divisão tópica para melhor visualização:

## QUADRO TÓPICO

1. FAMÍLIA	1.1 origem do nome 1.2 ocupação do pai 1.3 autores na família 1.3.1 contato com a obra da mãe
2. CARREIRA	2.1 início da produção 2.1.1 produção da criança 2.1.2 produção adolescente 2.1.2.1 processo de criação 2.1.2.2 o que produzia 2.1.2.3 onde publicava 2.2 consolidação da carreira
3. CRIAÇÃO	3.1 periodicidade/frequência 3.2 produção literária 3.2.1 produção infantil 3.2.2 diferenças entre produções: infantil/adulto 3.2.3 significação para si mesma e para o público 3.2.4 como objeto de transformação social 3.2.5 produção literária recente
4. RELAÇÃO PROFISSIONAL	4.1 papel do escritor brasileiro 4.2 contato com outros escritores 4.2.1 escritores mais significativos

## MARCADORES CONVERSACIONAIS NA ATIVIDADE DE DEFORMULAÇÃO TEXTUAL

Os marcadores conversacionais são elementos típicos da fala, de significação discursivo-interacional e que não integram propriamente o conteúdo cognitivo do texto. Portanto, são estruturas que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação pessoal (URBANO, 1993, p. 85).

Dessa maneira, os marcadores podem ser de natureza lingüística e não-lingüística e desempenham funções comunicativo-interacionais. Ainda como resultado da dinâmica da entrevista, L1, responsável pela condução do processo interacional, utiliza-se de alguns marcadores lingüísticos específicos que, além de introduzirem tópicos discursivos, são responsáveis pela sinalização de pergunta. São chamados marcadores de pergunta e geralmente são acompanhados por uma entonação ascendente típica da interrogação. Alguns exemplos: de onde vem esse:: Lispector?, como você começou quando?, você publicava essas obras em:: quais publicações?

Tais marcadores de pergunta não aparecem com frequência no texto de L2 uma vez que no gênero em questão, essa interlocutora é encarregada de responder as perguntas e não formulá-las. Entretanto, podemos

apontar uma exceção, quando L2 devolve a pergunta a L1: como é que eu posso ser popular sendo hermética?

Encontramos também outros marcadores lingüísticos que cumprem a função de modalizar o texto dos falantes, empurram o discurso à frente encadeando os enunciados. Desempenham papéis diversos como elementos de conexão entre as partes do texto conversacional. Alguns exemplos de modalizadores: aí:: eu me lembro que uma vez foi o Raymundo Magalhães Jr...; daí começou a nascer a idéia de um...; então estou fazendo uma história de/para criança...; então daí foi nascendo também... a trama da:: da história

Observamos também alguns marcadores como mas e agora que introduzem argumentos que apontam para uma direção diferente do enunciado anterior ocasionando mudanças ou correções do conteúdo informacional. Por exemplo:

L1 você chegou a:: ler as coisas que sua mãe escreveu?

L2 não eu só soube há poucos meses... que

L1 mas não teve condições de

L2 não... ah:: eu soube a informação de uma... tia "sabe que sua mãe fazia um diário... e escrevia poesias?" eu fiquei boba...

L2 o que se chama inspiração né?... agora quando eu estou no ato de conca/concatenar as a:: as inspirações... aí eu sou obrigada a trabalhar diariamente...



Tanto L1 quanto L2 valem-se do conectivo e em sua formulação textual com a intenção de produzir uma seqüencialidade no enunciado ligando idéias complementares ou próximas. O uso desse conectivo permeia todo o texto, mas como exemplificação podemos citar o momento quando L2 discorre sobre a criação de Mineirinho: e que era devoto de São Jorge... e que tinha uma namorada... e que me deu uma revolta enorme.

Também o conectivo e aparece no texto de L1 como marcador de tomada de turno, organizando e seqüencializando seus enunciados: e a criança?; e como você vê esta observação que nós colocamos... entre aspas “herMÉTica”? e:: mesmo latino-americanos

Ainda, observamos a presença de marcadores que enfatizam a posição do falante, ou seja, marcam sua atitude frente ao tópico proposto. Neste caso, apontamos os marcadores eu acho que e eu prefiro que sinalizam a posição de L2 diante dos questionamentos de L1: eu acho que quando eu não escrevo eu estou morta...; eu prefiro não citar nomes porque eu vou esquecer alguns e vai:: vai ofender... vai ferir assim eu não cito ninguém...

A interlocutora L2 utiliza também o marcador bom no sentido de demarcar a posse do turno e o início do desenvolvimento de um segmento de idéia, como nos exemplos: bom... eu soube u/ultimamente... para minha enorme surpresa que minha mãe escrevia...; bom eu escrevi uhn:: várias coisas antes...; bom me chamam até de hermética

O emprego desse marcador no início de alguns turnos tem por objetivo a amarração do conteúdo textual. Entretanto, o marcador bom aparece desempenhando outra função, desta vez na metade do turno, como indicativo de correção de uma informação de L2. Exemplo: e:: eu me compreendo... de modo que não sou hermética para mim... bom tem um conto meu que... que eu não compreendo muito bem...

Esse mesmo marcador surge como elemento conclusivo de uma idéia que vinha se desenvolvendo. Exemplo: me pediram um livro infantil e eu disse que eu não tinha (tinha esque)/inteiramente esquecido daquilo... era tão pouco literatura para mim eu não:: não (queria) usar isso para publicar:: (nada)/era para o meu filho... aí:: lembrei “bom Tenho sim”

Outros marcadores lingüísticos presentes são os de busca de aprovação discursiva que testam a interação dos participantes como não é? e né? (ex.: eu não sei eu perguntei/ é um nome latino não é?; quando eu comunique com adulto na verdade estou me comunicando com o mais... secreto de mim mesma... aí é difícil né?) além de um marcador lingüístico não lexicalizado que também cumpre essa função: uhn? (ex.: o adulto é triste e solitário uhn?...).

Em relação aos marcadores não lexicalizados, encontramos outros como ah e éh que aparecem como marcadores de hesitação que explicitam o próprio processo de feitura do texto falado. Tais dificuldades de formulação serão abordadas mais adiante.

L1 você publicava essas obras em:: quais publicações?

L2 ah não me lembro... jornais... revistas...

L1 éh:: a sua produçãO... ocorre... com freQUêNcia... ou você tem períodos de produzir intensamente?

Quando assistimos à gravação, nos deparamos com marcadores não verbais, chamados paralingüísticos, que igualmente desempenham papel fundamental no processo interacional entre os falantes. Esses marcadores englobam os gestos e expressões faciais de L2, tais como um sorriso, acenar afirmativamente com a cabeça, acender um cigarro, entre outros. Infelizmente, não dispomos da imagem de L1, de modo que os dados paralingüísticos que esse interlocutor contribuiu para a interação não poderão ser recuperados.

O próprio processo de formulação do texto falado produz outros marcadores denominados prosódicos que são caracterizados pelas pausas, alongamentos, entonação e mudanças de ritmo. O estudo do corpus nos mostra uma abundância desses marcadores. As pausas presentes nos enunciados dos interlocutores e a ênfase na articulação textual, principalmente de L1, demonstram grande cuidado na formulação do discurso por parte de ambos os participantes. Cientes da importância do evento, os falantes procuram escolher muito bem as palavras que serão empregadas e deste processo decorrem longas pausas. O tempo de formulação nos parece esgarçado, como se os interlocutores planejassem seu texto e antes de executá-lo ainda o certificassem mentalmente.

Essa maior preocupação com o planejamento textual torna-se perceptível tanto na organização entre os turnos quanto intraturnos. Tal mecanismo também se evidencia na entonação mais articulada e pausada que os falantes imprimem ao seu texto. Além disso, em sua grande maioria, cada segmento de idéia finalizado é acompanhado de pausas o que indica que o próximo segmento só é iniciado quando bem estruturado mentalmente.

O alongamento também aparece como marcador complementar à pausa, quer dizer, como recurso que garante a manutenção do turno e o planejamento textual. O trecho reproduzido na seqüência confirma como as pausas e alongamentos concorrem para a elaboração do texto de L1 e L2:

L1 você podia nos dar uma idéia do que era a produção... da:: adolesCENte Clarice Lispector?

L2 caótica... intensa... inteiramente fora da realidade:: da vida

Pensamos que esse cuidado na construção do texto derive inclusive do fato de ambos serem pessoas públicas e, assim, espera-se que devam zelar pelo léxico que empregam. A tensão gerada pelo encontro – L1 e L2 se conheceram no momento da interação e ambos precisam se empenhar na tarefa de produzir um material digno de registro – também determinará alguns períodos de silêncio entre os interlocutores.

Apesar da preocupação com a elaboração textual

demonstrada por L1 e L2, a construção do texto não deixa de apresentar alguns problemas decorrentes da própria atividade de formulação do discurso falado. Como atividade que envolve um planejamento textual local, a fala deixa evidente seu processo de feitura nos textos dos participantes através de hesitações, paráfrases, repetições e correções.

Percebemos as hesitações por meio de marcadores específicos como os alongamentos de vogais e consoantes, além dos já mencionados marcadores não lexicalizados, sinalizando uma dificuldade na continuidade do fluxo informacional ou de mera função fática.

Como já apontamos, a hesitação denotada pelo alongamento dos vocábulos é elemento que caracteriza o texto de L1 e L2. Muitas vezes, L2 apresenta dificuldades em encontrar um termo adequado o que a leva ao truncamento de palavras e ideais. A dificuldade de formulação em decorrência da preocupação com a escolha das palavras dá o tom do discurso já no primeiro turno de L2, como atesta o exemplo transcrito na seqüência:

L2 eu não sei eu perguntei/ é um nome latino né? e:: eu perguntei ao meu pai... desde quando havia Lispector na na na Ucrânia ele disse que de gerações e gerações anteriores eu suponho que o li/ que o nome foi rolando rolando rolando perdendo algumas sílabas... e se transformando nessa coisa que é::... parece uma coisa::... lis no peito em latim... flor de lis... quer dizer que é uma um um nome que :: que quando:: aparece/ quando eu escrevi meu primeiro livro... Sérgio Milliet... eu era então completamente desconhecida é claro... Sérgio Milliet diz assim "ESSA escritora de nome desagradável certamente um pseudônimo" e não era era o meu nome mesmo. ((sorriso))

A hesitação também pode produzir gagueira na tentativa de busca de um termo para a sequencialização do enunciado, como na seguinte fala de L2:

L2 bom... eu soube u/ultimamente... para minha enorme surpresa que minha mãe escrevia...

Outro fenômeno típico da articulação do texto falado é a paráfrase. Definimos paráfrase como um enunciado que reformula o anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica (Fávero; Andrade; Aquino, 1999). Portanto, a paráfrase reformula um enunciado anterior dando-lhe maior amplitude, expandindo seu significado o que contribui para maior coesão textual e melhor intercompreensão dos participantes.

Encontramos no corpus, entre outras, algumas situações parafrásicas que reproduzimos:

L2 eu não sou uma profissional eu só escrevo quando eu quero... eu sou uma amadora e faço questão de continuar ser amadora... profissional é aquele que... tem uma obrigação consigo mesma... consigo mesmo de escrever ou então com o outro em relação ao outro.. agora eu::... faço questão de não ser uma profissional

para manter minha liberdade

L2 quatro e meia cinco horas eu acordo... fico:: fumando tomando café sozinha sem... sem nenhuma interferência... quando estou:: escrevendo alguma coisa... eu anoto a qualquer hora do dia ou da noite... coisas que vêm... o que se chama inspiração né?...

L1 antes de nós entrarmos aqui no estúdio você me dizia que ESTÁ começando um novo trabalho agora uma novela

Notamos que, no primeiro caso, L2 reformula o sentido da expressão profissional dando-lhe um sentido específico e mais abrangente para o contexto situacional. No segundo exemplo, L2 também executa uma paráfrase explicativa ao sintetizar, através da palavra inspiração, seu processo de criação literária, da mesma forma que L1 explica o termo novo trabalho por meio da expressão uma novela, no último exemplo.

Outras situações:

L2 depende podem ser longos... e:: eu vegeto nessa nesse período... ou então eu:: por/para me salvar me lanço logo numa outra coisa como por exemplo acabei a novela estou meio oca... então estou fazendo história de/para criança... um livro infantil

L2 eu morei em Recife... eu morei no nordeste... eu me criEI no nordeste... e:: depois ahn no Rio de Janeiro tem uma feira dos nordesTinos... no Campo de São Cristóvão e uma fez eu fui lá...

No primeiro caso, L2 vale-se da expressão como por exemplo para reformular seu enunciado anterior visando uma melhor compreensão do funcionamento de seus períodos de criação literária. Nesse sentido, a expressão um livro infantil se configura em uma paráfrase explicativa da idéia introduzida anteriormente história para criança.

Já no outro trecho, L2 enfatiza sua origem nordestina como base de criação de sua mais recente personagem. A interlocutora reformula o enunciado através de outros de mesmo conteúdo semântico gerando uma paráfrase que tem como objetivo reforçar uma informação.

A repetição de um mesmo termo também ocorre na formulação de textos falados. É uma das atividades de formulação mais presentes na oralidade, podendo assumir um variado conjunto de funções. Dentre elas, podemos destacar a sua contribuição para a organização do discurso e a manutenção da coerência textual, bem como a organização tópica e a geração de seqüências mais compreensíveis (MARCUSCHI, 1996).

Dentre outros, selecionamos esses exemplos:

L2 bom me chamam até de hermética como é que eu posso ser popular sendo hermética?

L1 e como você vê esta observação que nós colocamos

entre aspas “herMÉTica”?

L2 e: eu me compreendo de modo que não sou hermética para mim

L1 em que medida... o: trabalho de Clarice Lispector no caso específico de MineiRInho... pode:: alterar a ordem das coisas?

L2 não altera em nada... não altera em nada... eu... ((balançando a cabeça negativamente)) eu escrevo sem esperança que:: o que eu escreva altere qualquer coisa... não altera em nada...

Percebemos que a repetição não exerce função de redundância no texto, mas favorece a interação dos participantes no desenvolvimento do tópico demonstrando como o texto falado é produto de um processo colaborativo.

A última atividade de formulação textual falada presente na construção dos enunciados de L1 e L2 que gostaríamos de enfatizar é a correção. A correção acontece quando um enunciado fonte é considerado “errado” aos olhos de um dos interlocutores, sendo “corrigido” por um enunciado reformulador. Assim, a correção é um claro processo de formulação retrospectiva (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 1999).

Observemos os exemplos:

L1 você começou aos sete anos de idade

L2 eu sei antes dos sete anos eu já fabulava já inventava histórias

L1 Clarice a partir de qual momento você eFETivamente decide assuMIR a carreira de escritora?^

L2 eu nunca assumi... eu nunca assumi

L1 antes de nós entrarmos aqui no estúdio você me dizia que ESTÁ começando um novo trabalho agora uma novela

L2 não eu acabei a novela...

Nesses casos expostos, fica clara a intenção de L2 em corrigir informações consideradas erradas na construção dos enunciados de L1, o que leva L2 a assaltar o turno de L1 procurando retificar seus enunciados.

A correção não só se verifica nas reformulações dos enunciados de L1 proposta por L2 como também ocorre na própria organização dos enunciados de L2, num mecanismo de auto-correção. Exemplo:

L2 eu não sei começou com o meu filho:... com meu filho:... quando ele tinha seis anos de idade... seis não... CINco...

Portanto, observamos que as atividades de formu-



lação aqui enfocadas (hesitações, paráfrases, repetições e correções) funcionam como articuladores do texto entre os falantes, bem como os marcadores conversacionais lingüísticos e não-lingüísticos estudados também concorrem para o desenvolvimento do tópico e para testar a interação entre os falantes, confirmando que o texto falado é produto de um processo de negociação entre os participantes.

Como parte desse processo de negociação, a troca de turnos também demonstra como os interlocutores administram o jogo conversacional. Analisaremos, agora, como L1 e L2 procedem à alternância de turnos.

## A ALTERNÂNCIA DE TURNOS ENTRE OS FALANTES

O estudo dos turnos mostra como os falantes participam da construção do texto conversacional. A partir da interação dos participantes podemos determinar se o diálogo é construído a partir de uma relação simétrica ou assimétrica (Galembek, 1993).

O próprio gênero entrevista pressupõe uma relação assimétrica entre L1 e L2. Cabe a L1 introduzir o tópico discursivo enquanto L2 encarrega-se de seu desenvolvimento. Esses papéis definidos conduzem a participações quantitativas e qualitativas diversas dentro da construção do discurso. Quantitativamente L1 participa com um número menor de inserções do que L2 e, sob esse ponto de vista, podemos estabelecer uma situação de assimetria entre eles, mas isso não implica dizer que, proporcionalmente às suas inserções, a participação de L1 seja menos significativa para a interação. Ambos estão engajados na consecução do objetivo comum, ou seja, no registro documental do depoimento e sob esse aspecto qualitativo podemos estabelecer uma relação de simetria entre L1 e L2.

Pela dinâmica típica do processo interacional em análise, L2 colabora com turnos nucleares pois suas inserções têm valor referencial nítido para o desenvolvimento do tópico enquanto L1 participa da interação por meio de turnos inseridos que contribuem para a introdução de tópicos ou para o esclarecimento de informações. Vejamos o exemplo:

L2 eu acho que quando eu não escrevo eu estou morta...  
L1 esse período?...  
L2 é muito duro o período entre um trabalho e outro...  
(puxa o ar)

O turno inserido de L1 contribui para o desenvolvimento do tópico proposto uma vez que objetiva pedir esclarecimentos a L2 a respeito de seus períodos de criação literária.

Entretanto, encontramos também turno inserido de função interacional, conforme reproduzimos:

L1 e: mesmo acredito latino-americanos  
L2 ((acenando novamente)) latino-americanos...

A repetição “latino-americanos” tem a função de indicar a concordância com a afirmação de L1 e o dado extralingüístico do aceno de cabeça especificado na transcrição reforça ainda mais a concordância de L2.

Dentro do gênero entrevista, a troca de turnos obedece regras específicas. L1 formula perguntas a L2 que assume o turno. Finalizada a resposta, o turno volta às mãos de L1. A organização dos turnos segue o par adjacente pergunta-resposta. Naturalmente, a entonação ascendente de pergunta ao final dos turnos de L1 se constituirão lugares relevantes para transição (LRT) marcando a passagem de turno para L2.

Portanto, a passagem de turno é sinalizada por uma pergunta direta formulada por um interlocutor ao outro. Dizemos que L1 requer a L2 que assumo o turno configurando-se em uma passagem de turno requerida. De posse do turno, L2 responde a L1 e a finalização da idéia desenvolvida sugere ao outro participante que o turno está encerrado e que L2 consente que L1 retome o turno. A passagem consentida de L2 nem sempre é clara, mas se verifica na entonação descendente que marca o término de suas reflexões e a própria pausa conclusa também empregada pela interlocutora. Esses dados representarão para L1 lugares relevantes para transição.

Os marcadores de aprovação discursiva utilizados por L2 também cumprem o papel de assinalar uma possível transição de turno. Exemplificando:

L2 quando eu me comunico com criança... é fácil porque sou muito maternal... quando eu comunico com o adulto na verdade estou me comunicando com o mais...  
secreto de mim mesma... aí é difícil né?  
L1 o: aDULto... é sempre solitário?  
L2 o adulto é triste e solitário (uhn?)...  
L1 e a criança?  
L2 ((erguendo os ombros)) a criança... tem a fantasia né?  
solta...  
L1 a partir de que momento... de acordo com a escritora... o ser humano vai se transformando em triste e solitário?...

Percebemos que, ao buscar a aprovação de L1 a partir dos marcadores né? e uhn?, L2 assinala uma possível passagem de turno. Dessa maneira, esses marcadores acabam funcionando como lugares relevantes para transição e L1 “solicitado” toma a palavra. Na última fala de L2, o marcador né? em conjunto com a pausa conclusa consentem a retomada de turno por L1.

Assim, o estudo do corpus apresenta a organização dos turnos a partir de passagens requeridas por L1 e consentidas por L2, observados pelos falantes os lugares relevantes para transição (entonação de pergunta e pausa conclusa). Entretanto, algumas vezes, a alternância de

turnos se opera sem a presença de LRTs. O turno é assumido por um dos falantes sem que o outro tenha concluído seu raciocínio, a troca se opera sem o consentimento implícito ou explícito do outro. Essa situação desencadeia uma perturbação no processo conversacional podendo gerar ou não sobreposição de vozes. É o chamado assalto ao turno que pode acontecer mediante a ausência dos lugares relevantes para transição (assalto “sem deixa”) ou em função de LRTs – pausas, alongamentos, hesitações (assalto “com deixa”).

Vejamos como se opera a questão dos assaltos aos turnos dos falantes no texto:

L1 Clarice... a partir de qual momento você... efetivamente decide.. assumIR... a carreira de escritora?

L2 eu nunca assumi... eu nunca assumi...

L1 antes de nós entrarmos aqui no estúdio você me dizia que ESTÁ:: começando um novo trabalho agora um novela

L2 não eu acabei a novela...

L1 onde é que você foi:: buscar dentro de si mesma

L2 eu morei em Recife... eu morei no nordeste... eu mecriEI no nordeste...

Nos dois primeiros casos, vemos que L2 invade o turno de L1 sem que para isso tenha se apresentado um lugar relevante para transição. Na realidade, nesses dois trechos, L2 assume o turno com a intenção corretiva na formulação do enunciado de L1. No primeiro exemplo, ocorre a sobreposição de vozes. A repetição do termo eu nunca assumi, após a entonação de pergunta, tem por objetivo recuperar a ordem do processo interacional partindo da premissa que apenas um interlocutor deve falar por vez. Com relação ao terceiro trecho, L2 interrompe L1 no sentido de afirmar sua origem nordestina como fonte de inspiração para sua produção literária – concorre para isso a paráfrase explicativa que reforça o enunciado de L2.

Outro exemplo:

L1 você chegou a:: ler as coisas que sua mãe escreveu?

L1 mas não teve condições de

L2 não... ah:: eu soube a informação de uma... tia “sabe que sua mãe fazia um diário... e escrevia poesias?” eu fiquei boba...

Nesse caso, L1 assalta o turno de L2 sem sinais que propusessem essa troca. Com a finalidade de confirmar e/ou questionar a negativa de L2, L1 assume o turno e, como não teve autorização do outro participante para fazê-lo, L2 retoma o turno na seqüência para concluir sua formulação anteriormente interrompida reafirmando sua posição de negação.

Vejamos outro caso:

L1 em diversas:: entrevistas que você tem concedido...

surge:: quase que necessariamente a pergunta de... como você começou quando? isso é mais do que conhecido

L2 eu comecei desde sempre

L1 você começou aos sete anos de idade

L2 eu sei antes dos sete anos eu já fabulava... já inventava histórias

Aqui ocorre um assalto ao turno “sem deixa” pois a entonação ascendente de pergunta indica a L2 uma passagem requerida própria da dinâmica da entrevista. Porém, L1 continua sua formulação invadindo a resposta de L2. A quebra da lógica de transição entre os turnos estabelecida pela entonação de pergunta desorganiza a estrutura conversacional e os participantes passam a falar ao mesmo tempo até o restabelecimento da ordem a partir do desenvolvimento do tópico por L2. Nos parece que a interrupção ao turno de L2 acontece em vista da insatisfação de L1 com seu enunciado quando acrescenta que a resposta para sua pergunta é mais do que conhecida e ele mesmo responde a própria pergunta outrora dirigida a L2. Quando L1 responde sua própria pergunta, ele também desestrutura a organização do texto, uma vez que ocorre a inversão de seu papel na dinâmica interacional e os participantes passam a falar juntos até a retomada dessa ordem.

Mais outros exemplos:

L1 o cenário dessa novela é (então)

L2 é o Rio de Janeiro... mas o personagem é é nordestino é de Alagoas

L1 éh:: a sua produCÃO... ocorre... com frequência... ou você tem períodos de produzir intensamente?

L2 ((acenando positivamente com a cabeça)) têm períodos... têm períodos de produzir intensamente... e têm períodos:: hiAtoS... em que a vida fica insu/intolerável

Em ambos, L2 se antecipa à formulação de L1 e adianta a resposta gerando sobreposição. No segundo trecho, o dado paralingüístico indica que a interlocutora já entendeu a pergunta e assume o turno de resposta. Ciente do distúrbio provocado no andamento da conversa, L2 suspende sua intervenção e retoma o turno após a passagem requerida de L1. A perturbação no fluxo informacional se mostra na repetição do termo têm períodos.

Outros casos de sobreposição:

L2 depende... podem ser longos... e:: eu vegeto nessa nesse período... ou então eu:: por/para me salVAR... me lanço logo numa outra coisa como por exemplo acabei a novela... estou meio oca... então estou fazendo história de/para criança... um livro infantil

L1 como é que você explique éh:: explica a Clarice Linspector... voltada para a literatura infantil?

L2 éh:: em geral é:: de manhã cedo né? éh:: são as minhas horas preferidas são as da manhã... da madrugada...

L1 você acorda a que horas?

Nos dois exemplos, a pausa conclusa no texto de L2 sinaliza um LRT, mas no primeiro caso, a interlocutora reformula a expressão história para criança pela paráfrase explicativa um livro infantil atravessando o enunciado de L1 que por isso se atrapalha em sua formulação. A dificuldade na elaboração de seu fluxo informacional aparece registrada no marcador éh. No segundo caso, L2 reformula o sentido da expressão manhã por não representar corretamente o período do dia a que ela se referia. Para eliminar qualquer problema de compreensão, L2 vale-se da paráfrase explicativa da madrugada encavando os dois turnos.

Ainda outro exemplo:

L2 eu prefiro não citar nomes porque eu vou esquecer alguns e vai:: vai ofender... vai ferir assim eu não cito

ninguém...

L1 mas aquele que a toque MAIS de perto... que lhe diga mais intensamente?

L2 não eu prefiro não falar nada...

Neste último caso, L2 recorre ao assalto ao turno de L1 para reafirmar sua posição diante da insistência do outro.

Os exemplos retratados mostram que a alternância de turnos entre os falantes depende de um processo de negociação entre eles. Portanto, a conversação face a face é um processo que envolve múltiplas variáveis lingüísticas, sociais e psicológicas que compreendem as características pessoais dos falantes, sua personalidade, seu nível de conhecimento, grau de intimidade. Essas peculiaridades geram situações particulares que diferem de uma interação a outra. A conversação é produto de um processo colaborativo entre indivíduos de percepções, experiências e visões de mundo diversas e o texto produzido por ambos revela



o confronto dessas subjetividades.

Nesse contexto, as características da personalidade de L2 e o pouco grau de intimidade entre eles, determinam alguns momentos de abalo na interação dos participantes caracterizados quando L2 se recusa a desenvolver os tópicos propostos por L1. Vejamos essas situações:

L1 a partir de que momento... de acordo com a escritora... o ser humano vai se transformando em triste e solitário?...

L2 ((com um sorriso)) ah isso é segredo... desculpe eu não vou responder... a qualquer momento da vida basta um:... um choque um... um pouco inesperado... e isso acontece... mas eu não sou solitária não tenho muitos amigos... e só estou triste hoje porque estou cansada... de um modo geral eu sou alegre...

L2 coloca que não vai responder ao questionamento de L1 e pontua esse momento com um sorriso. Apesar da negativa, o dado paralingüístico mantém o canal aberto com o interlocutor. Mesmo com a pausa conclusa após a negativa desculpe eu não vou responder, L1 não retoma o turno permanecendo em silêncio o que implicitamente obriga L2 a desenvolver o tópico proposto. Ambos percebem o momento delicado que se estabelece e L2 tenta amenizar sua recusa desviando o tópico. Ao pontuar que não se considera solitária nem triste, a interlocutora tenta afastar esse assunto do tópico discursivo fechando-se para este tema. Devido a essa condição particular, podemos classificar esse desvio de L2 como uma digressão baseada na interação.

Outra recusa no desenvolvimento tópico observamos a seguir:

L1 qual o nome da: heroína da novela?

L2 não quero dizer... é segredo... ((sorriso))

Mais uma vez, L2 propõe a mudança do tópico negando-se a responder, mas mantendo o canal de interação com seu interlocutor através de um sorriso. A recusa no desenvolvimento tópico não significa necessariamente a ruptura do processo interacional.

Ainda como produto do confronto de subjetividades, podemos citar o seguinte trecho:

L1 no seu entender qual é o papel do escritor brasileiro... HOje em dia?

L2 o de falar o menos possível...

Como sabemos, L2 pertence ao universo de escritores brasileiros, portanto sua resposta a inclui como pessoa do discurso. Ao considerar que o papel do escritor é o de falar o menos possível, L2 provavelmente demonstra sua personalidade pouco afeita a entrevistas externalizando um desejo de que o encontro se encerre logo. Por outro lado, temos que considerar que a gravação é datada de 1977, e neste contexto político-militar repressivo uma pessoa pública falar demais era atitude perigosa,

pois contrária ao regime.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta análise, procuramos mostrar como o texto falado se articula em função de vários fatores que se estendem do contexto situacional – o propósito da interação, as relações entre os falantes, seu conhecimento partilhado, grau de intimidade – às características subjetivas dos interlocutores.

Neste alicerce, assenta-se o planejamento e a execução textual falada orientando desde a escolha lexical à troca de turnos entre os participantes.

Este artigo procurou apontar essas condições específicas na construção do texto analisado através da observação de suas condições de produção, desenvolvimento dos tópicos, marcadores conversacionais e alternância de turnos. Evidentemente, o assunto não se esgota nesses aspectos. Apenas apontam para os elementos mais representativos do processo interacional da conversação.

## REFERÊNCIAS

DASCAL, Marcelo.; KATRIEL, Tamar. "Digressions: a study in conversational coherence". In: Petöfi, J. S. (ed.). **Text vs sentence**. Hamburg: Buske. vol. 29. pp.76-95.

FÁVERO, Leonor Lopes. "O tópico discursivo". In: PRETTI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas – Projeto NURC/SP, 1993. pp.33-54.

\_\_\_\_\_. "A entrevista na fala e na escrita". In: PRETTI, Dino (org.). Fala e escrita em questão. São Paulo: Humanitas – Projeto NURC/SP, 2000. pp.79-97.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. O.; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. São Paulo: Cortez, 1999.

GALEMBECK, Paulo de T. "O turno conversacional". In: PRETTI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas – Projeto NURC/SP, 1993. pp.55-79.

LERNER, Júlio. "A última entrevista de Clarice Lispector". In: revista **Shalom**, seção Letras & Artes. 1992. p.62

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, Ingedore G. V. (org.). **Gramática do português falado**. Vol. VI. Desenvolvimentos. São Paulo: Ed. Unicamp/Fapesp. 1996. pp. 95-129.

\_\_\_\_\_. "Oralidade e escrita". In: **Signótica: Revista de Mestrado em Letras e Linguística**. Goiânia: UFGO, 9. 1997. pp.119-145.

RODRIGUES, Ângela C. S. "Língua falada e língua escrita". In: PRETTI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas – Projeto NURC/SP, 1993. p.13-32.

URBANO, Hudinilson. "Marcadores conversacionais". In: PRETTI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas – Projeto NURC/SP, 1993. pp.81-101.